Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

23.º Anno — XXIII Volume — N.º 789

30 DE NOVEMBRO DE 1900

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

ANTONIO MARIA CARDOSO — Fallecido em 17 do corrente

(Copia de uma photographia do sr. A. E. Biel cedida pela Sociedade de Geographia)

CHRONICA OCCIDENTAL

Realisaram-se no paiz as eleições. O governo, bafejado pelo fado misterioso que protege os governos todos, obteve enorme maioria, apresentando nas camaras noventa e sete deputados governamentaes, que hão de bater-se contra vinte e sete progressistas e cinco independentes. O que esta eleição veio mais uma vez provar foi o caracter de antes quebrar que torcer de muitos eleitores, que são, dê por onde der, constantemente pelo governo, seja quem fôr que presida aos destinos da nação.

E emquanto deante da urna nos vamos batendo com maior ou menor afan, com mais ou menos protestos, foguetes e philarmonicas desafinadas, perante a indifferença da maior parte, por toda a Europa vão sendo commentadas as palavras de Kruger ao desembarcar em Marselha e a recepção que lhe foi feita pelo povo francez.

Em Paris, o expresidente da Republica do Transwal foi recebido pelo sr. Loubet, que momentos depois lhe foi pagar a visita ao Hotel Scribe, onde Kruger se achava hospedado.

Os jornaes de Londres commentam a recepção feita em Paris ao glorioso velho, considerando perfeitamente correcta a attitude da França para com a Inglaterra.

Em muitas cidades da Europa, onde Kruger é esperado, preparam-se-lhe grandes demonstrações de sympathia.

No dia 26 foi dar um passeio em volta da exposição e visitou o pavilhão do Transwaal. De tarde andou passeando no Bosque de Bolonha.

Pouco lhe poderia ter sido agradavel ver da exposição, a qual, a estas horas, é pouco menos que um cadaver.

Pelos nossos já lhe foi dado o ultimo adeus no jantar que a commissão portugueza offereceu no Hotel Ritz ao sr. conselheiro Ressano Garcia.

Todos vem recolhendo a Lisboa, alguns cançados, mas todos saudosos. Emfim, já não cahem n'aquella enorme sensaboria com que o verão nos brindou. A cidade foi-se animando, já nas tardes bonitas as elegantes ostentam sob as acacias e ulmeiros meio desfolhados da Avenida as ultimas modas, que o inverno parisiense nos envia. Nos camarotes de primeira ordem tornamos a ver caras conhecidas, com mais uns cabellos brancos, mais accentuados uns pés de galinha, a risca nos cabellos um pouco mais larga, dadivas do ultimo semestre. Em compensação umas crianças foram crescendo, fazendo-se mulheres, que pela primeira vez, vêem assestadas para ellas os binoculos da platéa.

O que nos trará este inverno! Ha muito que as quatro estações são assumpto de quadros decorativos; a primavera, uma linda rapariga coroada de malmequeres; o verão, uma trigueirinha provocante com um ramo de espigas e papoilas; o outomno, uma linda mulher com um diadema de cachos d'uvas; o inverno, um velho de barbas longas, muito brancas, cheias de neve, aquecendo ao lume d'umas achas as mãos mirradas.

Triste estação, que encheu o céo de nuvens, que ainda são bemfazejas, e as ruas de lameiros, que são insupportaveis.

O que lhe vale para nos afogar na garganta o côro das maldições é que tambem nos trouxe a Duse e portanto uma nova serie de espectaculos de arte magnifica no palco, de immenso enthusiasmo na platéa.

E já o inverno não é aquelle macrobio com ar de bruxo a tiritar com frio, é tambem uma linda elegante, toda embrulhada em velludo e pelles de alto preço, com as mãositas mettidas no regalo, sorrindo-nos com olhos alegres e maliciosos. E' a vida elegante, é o conchego dos grandes salões doirados, as valsas estonteadoras, as ceias alegres até romper a luz parda da madrugada fria.

A Duse estreou-se no dia 28 representando a peça de Pinero, o famoso auctor inglez, mas de raça portugueza: *A segunda mulher de Tankeray*.

Depois de uma ausencia de perto de tres annos e da sua viagem gloriosa pelas principaes cidades da Europa, a grande tragica italiana volta a Portugal, trazendo-nos no seu repertorio, como novidade, uma peça de Gabriel d'Annunzio, um dos mais illustres homens de letras da actualidade. E' essa a recita com maior anciedade esperada, tanto

mais que é sabido que para a grande actriz foi o drama expressamente escripto.

Ella nos põe bem com o inverno; mas logo á sahida, nos torna a pôr mal com elle a camara municipal, a quem, depois de tantas e tanto maiores descomposturas não vai prejudicar mais esta.

Raras vezes vimos ruas tão lamacentas como agora, sobretudo nos pontos em que a companhia dos americanos está collocando seus novos carris para a tracção electrica. A Junqueira e as ruas proximas da estação de Santa Apolonia estão completamente intransitaveis. Para se ir a pé até á estação de Santa Amaro é preciso maior coragem que a de Vasco da Gama ao partir para a India. E' que a morte é muito mais certa e sobretudo muito mais suja. Continuando as coisas assim, em vez de americanos electricos, teremos muito brevemente botes de carreira de Santa Apolonia para Belem.

As chuvas teem sido quasi constantes, sobretudo ao principio da noite, á hora de começarem os espectaculos, o que alguns tem prejudicado.

Assim aconteceu no dia em que Sousa Bastos, emprezario do theatro da Avenida annunciou o seu espectaculo em beneficio da viuva e filhos de Cyriaco de Cardoso. Só isso impediu que o theatro tivesse uma enchente completa. Annunciava-se a *Boneca* e o espectaculo abria pela representação do trecho mais applaudido do *Solar dos Barrigas*. Felizmente ao appello de Sousa Bastos, dictado pelo seu optimo coração, corresponderam immediatamente todos os artistas da companhia, cedendo uma noite de seus vencimentos; e, devido ainda a outros bons impulsos de corações movidos por um sentimento de generosidade, a receita que se apurou foi avultada e muito favorecerá n'estes primeiros tempos o bem-estar da infeliz viuva e das tristes orphãsinhas.

Cantou a parte de *Manuela* a actriz Palmira Bastos, uma das discipulas mais queridas de Cyriaco, que a considerava como a mais promettedora de todas as nossas noveis artistas de opereta. Quando no theatro da Trindade se representou a *Vida de Bohemia*, Cyriaco foi expressamente ao palco escutar e applaudir a fórma graciosa e artistica por que ella no 3.º acto cantava a sua canção. Já depois de muito doente e inhabilitado para sahir, alegrava-se com o triumpho de Palmira na *Boneca*, peça que elle lêra e que julgava de quasi irrealisavel boa representação. E quanto ouvia da peça, transformava em elogios á actriz, cujos primeiros passos gigantescos elle havia guiado, quando ella do theatro do Rato passou, já quasi no fim d'uma época, para o theatro da Avenida, em que hoje é estrella.

Brevemente deve realisar-se um novo beneficio no theatro da Trindade, onde Cyriaco contava muitos amigos e alguns companheiros de trabalho de muitos annos. Hão de representar-se tres actos de operas comicas, cuja musica é composição do querido maestro: o primeiro acto do *Testamento da Velha*, o segundo do *Solar* e o segundo do *Burro*, esse das canções populares, que Lisboa inteira entoou durante mezes por todas as ruas.

O grande espectaculo, em que tomarão parte os actores de todas as companhias este inverno funccionando em Lisboa, só poderá realisar-se depois das recitas das companhias estrangeiras e quando Rosas e Brazão estiverem de volta do Porto.

A chegada da Duse interrompeu a carreira gloriosa em que ia a *Zázá*, que foi estreia de Angela Pinto no genero dramatico.

Tem o Porto com que entreter-se agora, tanto mais que, desejando ser amavel com o publico do theatro de S. João, a empreza do D. Amelia offerece-lhe a primeira recita da obra com que um distincto homem de letras portuguez se estreia na litteratura theatral. Anthero de Figueiredo tem no Porto muitos amigos e admiradores, que decerto lhe hão de testemunhar seu apreço, quando elle lhes apresentar essa pequenina joia de purissima agua, que se intitula a *Estrada Nova*.

Antes d'essa recita, que deve produzir sensação, apresentar-se-ha Angela Pinto, que o publico do Porto tanta vez applaudiu na opera comica, como verdadeira estrella brilhando ao lado das maiores do theatro portuguez.

A. P. são as suas iniciaes. As mesmas de Antonio Pedro, com quem ella tem innumeros pontos de contacto. No talento e na modestia.

A quem uma vez o felicitava por não sei que trabalho assombroso, o Antonio Pedro respondeu: — Calhou.

A Angela tambem calhou na *Zázá*. E queira Deus que nunca descalhe, como quem diz: não descarrile.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

ANTONIO MARIA CARDOSO

Nascido em 5 de maio de 1849 e contando portanto apenas 51 annos de edade, falleceu no dia 17, á tarde, na casa da sua residencia, em Lisboa, rua de Passos Manuel, n.º 85, o distincto official da armada portugueza, Antonio Maria Cardoso, cujo nome tão celebrado foi, quando elle em 1889 voltou da sua gloriosa expedição ao Nyassa e ao Mataca.

Assentára praça em 1862, contando 13 annos de edade e fôra promovido a guarda marinha em outubro de 1871. Era capitão de fragata desde novembro de 1895.

Os seus serviços relevantes obtiveram-lhe as maiores distincções, taes como a medalha de oiro de serviços no ultramar e a commenda da Torre Espada. Tinha tambem as commendas da Conceição, de Christo e de Aviz por distincção, e medalha de prata de comportamento exemplar e a de oiro da expedição aos namarraes.

Muito sympathico e modesto, apesar da sua carreira gloriosa, foi sentidissima a sua morte e concorridissimo o seu enterro para o Alto de S. João.

Na Sociedade de Geographia, o sr. presidente, Ferreira do Amaral, fez, em eloquentissimas palavras, o elogio do fallecido, propondo que na acta se consignasse um voto de profunda magua por tamanha perda.

O sr. Agostinho Cardoso, irmão do fallecido explorador, fez presente á Sociedade de Geographia da espada e do revolver que acompanharam Antonio Cardoso nas suas viagens de exploração.

São reliquias preciosas que vão enriquecer o opulento museu, d'aquella sociedade.

KRUGER NA EUROPA

Poderiam estas rapidissimas notas ter por titulo — O triumpho d'um vencido.

Apenas se annunciou que estava á vista de Marselha o *Gelderland*, navio hollandez, que á Europa conduziu o velho presidente do Transwaal, o enthusiasmo foi enorme na população da primeira cidade maritima da França. Apesar da chuva, um grande numero de bandas musicaes percorriam as ruas tocando o hymno boer, entre os vivas da multidão. Mas o tempo, cada vez mais chuvoso, não deixou que o desembarque se effectuasse n'esse dia.

O addiamento não fez esmorecer o enthusiasmo. Ao pôr o pé em terras de França, Kruger agradeceu a recepção que lhe era feita, e, referindo-se á lucta que o seu povo vai com gloriosa energia sustentando contra a poderosa Inglaterra, viu suas palavras, que logo eram traduzidas em francez, cobertas pelos maiores applausos.

Depois da visita do prefeito, Kruger recebeu diversas delegações, cujos cumprimentos duraram até ás seis horas da tarde, deixando o velho presidente tão estafado, que não poude assistir ao banquete que lhe offereciam e em que foi representado pelo Dr. Leyds.

A sahida, os vivas ainda tomaram maior intensidade. A viagem foi realmente triumphal. Por todas as estações do caminho, a população das differentes cidades, sobretudo em Avinhão e Dijon, acclamou o glorioso velho, demonstrando-lhe assim sua profunda sympathia pelo tão heroico como infeliz povo a cujos destinos presidiu.

O povo de Paris, alvoroçado pela visita do expresidente transwaliano, correu á estação a esperal-o e acompanhou a carruagem que o conduzia acclamando-o com o maior dos enthusiasmos.

O presidente Loubet recebeu immediatamente o seu antigo collega, a quem, pouco depois, pagava a visita no Hotel Scribe.

Todos os francezes commentam com o maior elogio o procedimento da joven Rainha da Hollanda que tão generosamente offereceu asylo ao honrado velho e lhe mandou, para transportal-o á Europa, um navio da sua marinha. Deve ser commovente a entrevista dos dois chefes de estado.

A viagem continuará gloriosa atravez da Belgica, onde lhe preparam uma recepção brilhante.

O povo de Berlim deseja recebel-o, e far-lhe-ha uma manifestação egual ou superior á dos outros povos.

Que outro vencido se pode assim gloriar de triumpho similhante?

THESOURO

A D. João da Camara

De tudo quanto humilde e pobre eu tenho
Só uma coisa existe
A que consagro um culto tão extranho
Como ao amôr um triste.

Coisa unica talvez que ainda ao *prégo*
Parar não foi nem vae,
Que extremeço e de lagrimas eu régo
Sempre que a noite cáe.

Que fito e beijo em pranto amargurado,
Debruçado sobre ella,
Como nuvem cercando em céo doirado
O brilho de uma estrella.

Uma moldura tosca de pau santo,
Bem escura e pesada,
Encerra todo o meu perdido encanto,
Como visão sagrada.

Que contraste á moldura a pobre imagem!
Tão pesada uma e escura
Tão branca outra e tão leve como a aragem!
Tão cheia de ternura!

A virgem é de fina madreperola,
Obra de artista raro,
Que lhe esculpiu no olhar a expressão cérula
Que me fez tão avaro.

Amara outr'ora. Um dia casualmente
N'um adélo encontrei
A virgem que parece fielmente
Copia d'essa que amei.

A morte que desfolha a flôr levou-me
Esse anjo para o céo.
E para o pranto me enxugar deixou-me
Da noite o escuro véo.

Se, agora, no meu quarto de bohémio
Entra o alvor do luar
A imagem, qual visão, é o unico prémio
Para tanto penar!

Eu, tiro-a da parede e ao fitál-a
Seus labios de rubim
Parecem mexer e oiço a sua falla
Cravado o olhar em mim.

O halito da bocca entre o brilhar
Dos dentes côr de neve
Vae-se escoando e vem-me bafejar
Como perfume leve.

Então o natural tamanho toma
Ao olhar que estonteia
Essa pequena imagem cuja coma
Nocturna brisa ondeia.

Arder em febre então, sinto o calor
Do seu redondo seio
Que rebentar parece até de amôr
Em palpitante anceio.

Se tonto a aperto já de encontro ao peito
Julgo tel-a em meus braços
E se a beijo o soffrer vae contrafeito
Fugindo a longos passos.

Ai! por isso eu não dou por quanto o mundo
De bom e bello tenha
Essa visão do meu amôr profundo
Tão simples quão extranha!

Armando d'Araujo.

O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa

(Continuado do numero antecedente)

1884-1885

Fidés Devriès Adler era filha da cantora Rosa Devriés, que esteve no theatro de S. Carlos em 1863, e da qual fizemos menção em um trabalho anterior. Era n'este tempo uma rapariga alta, esbelta, de uma physionomia muito agradavel e sympathica, e um porte distinctissimo. Não tinha tido uma carreira lyrica muito longa, porque tendo-se desposado com Adler quiz ficar fóra do theatro por muitos annos.

Possuidora de uma voz extensa e bonito timbre, Fidés Devriés, como cantora e como actriz, era dos mais perfeitos typos de artista que tem pisado o palco de S. Carlos; um canto expressivo e suave, agilidade, e sentimento de uma elevada poesia no canto e no gesto, e grande energia nas phrases violentas, eis um complexo de qualidades que é raro vêr reunidas no mesmo individuo, e que tornavam Fidés Devriés um typo artistico do mais elevado quilate; assim era notavel: pelo canto suave e poesia com que interpretava o papel de Margarida no 3.º acto do *Fausto*, e o de Ophelia no 4.º acto do *Hamlet*; pela delicadeza de sentimento religioso no papel de *Salomé* na Erodiade; e pela energia no 5.º acto do *Fausto* e no 3.º do *Hamlet*.

Marcella Sembrich Stengel era uma joven tão afamada pela belleza da sua voz como pela formosura dos seus braços; de estatura pouco elevada, mas opulenta de fórmas, bonita e de extraordinaria vivacidade. Possuia uma voz de uma belleza rara, volumosa, fresca e limpida, com uma agilidade assombrosa. Era um grande talento musical; não só cultivava a arte lyrica, cantando e representando no theatro, mas tocava tambem piano e rebeca com muita perfeição. Como dama ligeira era verdadeiramente extraordinaria. Na oitava superior era unica no seu genero; nunca vimos executar nos agudos phrases de vocalisação com tanta rapidez e perfeição por uma voz de egual volume e belleza. Era surprehendente, especialmente na aria do 1.º acto da *Traviata*, no *Barbeiro de Sevilha*, e na valsa *Parla* de Arditi.

Além d'estas celebridades outros artistas de merecimento possuia a companhia, entre os quaes figurava o afamado baixo Nannetti, esse cantor e actor tão consciencioso e distincto de quem já fallámos.

Citaremos ainda dois artistas de merecimento, Giulia Novelli e Alberto De-Bassini.

Possuia Giulia Novelli uma das mais bellas vozes de meio soprano que se tem ouvido no palco de S. Carlos, de uma pureza e egualdade notaveis até ao dó agudo, que era forte e muito sonoro; depois da voz da celebre Alboni é a voz de meio soprano mais egual que temos ouvido; faltavam porém a Novelli boas notas graves. Era ainda pouco experiente n'este tempo, e o seu canto pouco correcto, não tirando a cantora todo o partido do seu bellissimo orgão vocal; entretanto foi muito bem, e agradou muitissimo, na Açucena do *Trovador*, na rainha do *Hamlet* e na *Carmen*.

De Bassini, filho do celebre barytono do mesmo appellido, foi escripturado expressamente pela empreza para cantar na opera *Carmen*, de Bizet; e effectivamente n'esta opera era admiravel como cantor e como actor. A sua voz era de um timbre desagradavel nas notas medias, mas bonito e mais volumoso nos agudos; além d'isso *smorzava* com facilidade e tinha bastante agilidade.

Tambem n'esta epocha lyrica conseguiu Campos Valdez ir além das obrigações que lhe impunha o programma; assim em lugar de uma opera nova, a que era obrigado pelo seu contracto, levou á scena duas operas, sendo além d'isso uma de maestro portuguez; ainda d'esta vez a arte nacional deveu mais um serviço ao emprezario de S. Carlos, e não foi elle de pouca monta, porque a opera *Derelitta* do Visconde do Arneiro é uma composição de merecimento, em que ha grande trabalho de instrumentação, cuja execução sendo muito difficil, exigiu grande numero de ensaios, que absorveram immenso tempo, impedindo que se provassem outras operas; não sendo compensado todo este excessivo trabalho pela affluencia do publico; com effeito logo na 2.ª recita da opera a concorrencia foi muito diminuta e poucas vezes mais subiu á scena. Em compensação teve a empreza uma boa fonte de receita na opera *Carmen*, magnifica composição de Bizet, tão inspirada e caracteristica, que agradou muito e deu numerosas enchentes.

Além das operas portuguezas de Augusto Machado e visconde do Arneiro, ouviram-se no theatro de S. Carlos n'esta epocha algumas composições de outros maestros portuguezes; taes foram um sentido *canto religioso* de João Guilherme Daddi, e um gracioso trecho de instrumentação de um bailado da cantata *Les Orientales* de Alfredo Keil.

A despeza feita pelo governo, com obras no edificio do theatro de S. Carlos, no anno economico de 1884-1885, foi de 457$019 réis.

1885-1886

Sessão solemne da sociedade de geographia no theatro de S. Carlos. — Distribuição das medalhas aos exploradores Capello e Ivens pelo Rei D. Luiz I. — Esplendido discurso do presidente Antonio Augusto de Aguiar. — Grande espontanea e sincera ovação que teve o monarcha. — Como nas festas aos exploradores o *High-life* brilhou pela sua ausencia. — Como com povo e rei se podem dar grandes festas. — Excepcional brilho da epocha theatral de 1885 a 1886 em S. Carlos — Obras no theatro. — É adoptado o diapasão normal. — Compra de instrumentos de sopro para a orchestra e para a banda, por conta do governo e da empreza. — Instrumentos adquiridos. — Congresso musical em Vienna d'Austria. — Adopção do lá normal — Portugal não foi representado ali. — Diversas assignaturas extraordinarias por preços mais elevados. — Companhia lyrica. — Grandes notabilidades artisticas. — Adelina Patti — Angelo Masini — Fides Devriés — Antonio Cotogni — Francesco Tamagno — O maestro Marino Mancinelli — Reportorio — Operas novas. — *La Gioconda* de Ponchielli — *L'Erodiade* de Massenet. — As recitas da Patti. — A cholera e a Patti. — A *diva* faz pouco caso da alta sociedade — Recusa-se a cantar em beneficios. — Historia de um habito de Christo. — O ex-emprezario Brito quer escripturar a Patti para o Colyseu, mas não consegue. — Schurman emprezario da Patti. — Morte de El-Rei D. Fernando — Exequias. — Casamento do principe real D. Carlos com a princeza D. Amelia de Orleans. — Grandes festas. — A noite de gala no theatro de S. Carlos; extraordinario esplendor. — Episodios; o somno do noivo e a ovação á noiva — A opera *I promessi sposi* de Ponchielli por amadores em S. Carlos. — Companhia franceza de operetta e vaudeville — Reportorio. — Apeamento e desmontagem do lustre do theatro de S. Carlos; sua substituição por uma rosa e candelabros. — Illuminação electrica na noite de gala. — Fallecimento de Maria Henriqueta de Campos Valdez, filha do emprezario.

Antes de começar a epocha lyrica de 1885 a 1886, uma das mais brilhantes que tem tido a scena de S. Carlos, pelo grande numero de celebridades artisticas que successivamente ali cantaram, houve uma sessão de outro genero, que tambem não foi das menos illustres que tem presenciado a sala do nosso primeiro theatro; n'essa memoravel noite, a Sociedade de Geographia de Lisboa fez, no theatro de S. Carlos, uma sessão solemne para entregar aos celebres exploradores portuguezes, Hermenegildo Capello e Roberto Ivens, as medalhas de ouro que a sociedade expressamente fizera cunhar para esse fim.

Foi na noite de 1 de outubro de 1885 que se verificou essa memoravel sessão. Para esta festa o theatro estava disposto de modo que o palco e a platéa formavam uma unica sala; no fundo do palco scenico estava uma orchestra; ao lado esquerdo do proscenio, defronte do camarote real, estava a mesa da presidencia, á direita da qual ficavam os exploradores. Presidiu Antonio Augusto de Aguiar; á sua esquerda estava o ministro da marinha Manoel Pinheiro Chagas o grande orador, o qual fez um discurso n'esta noite, para juntar aos muitos que fizera por occasião das festas com que se solemnisou a chegada dos dois exploradores, depois da sua arrojada e feliz travessia da costa occidental á oriental d'Africa. Os exploradores leram alternadamente uma resumida noticia sobre a sua recente viagem, depois do que o presidente Aguiar fez um esplendido discurso, dos mais notaveis que elle pronunciara, e que pondo em relevo quanto o chefe do estado se esforçára em acolher dignamente os dois exploradores, provocou da parte do publico, que enchia a sala, uma grande ovação ao soberano; ovação que se repetiu ainda mais enthusiastica no momento em que o rei distribuiu, por suas mãos, as medalhas aos exploradores, na tribuna real, e em seguida os abraçou. Nunca o rei D. Luiz I de Portugal teve uma ovação mais brilhante, enthusiastica e sincera do que aquella que n'essa noite recebeu no theatro de S. Carlos.

Uma circumstancia singular se deu n'esta esplendida festa, bem como em todas as que saudaram a chegada dos exploradores Ivens e Capello; foi a quasi completa abstenção da alta sociedade. Sem a côrte se realisaram todas estas festivas reuniões; póde-se dizer que n'ellas quasi que exclusivamente figurava o rei e o povo festejando os arrojados exploradores. O *high-life* apenas brilhou pela sua ausencia. Este facto foi habilmente aproveitado por Antonio Augusto de Aguiar, no seu monumental discurso, para pôr bem em relevo como fora intimo, n'estas circumstancias, o contacto entre o rei e o povo, e que despertou a extraordinaria ovação a El-Rei D. Luiz I, como já dissémos.

Foi excepcionalmente brilhante a epocha theatral de 1885 a 1886 no real theatro de S. Carlos de Lisboa. Eis os nomes dos artistas que ali figuraram:

Damas: Adelina Patti, Fidés Devriés, Erminia Borghi-Mamo, Giulia Novelli (meio soprano), Ela Russell, Elvira Ripetto Trisolini, Sofia Scalchi-Lolli (contralto), Virginia Damerini, Adelaide Morelli, Martinez, Erina Borlinetto, Esther Neri (comprimaria).

Tenores: Angelo Masini, Francesco Tamagno, Alberto De-Bassini, Louis Guille, Julien Jourdain, Giuseppe Averino, Paolo Rossetti, Gori, Durini.

Barytonos: Antonio Cotogni, Mauricio Devriés, Magini Colletti, Carlos Lopes.

Baixos: Eugene Lorrain, Serbolini, Augusto Pinto, Miguel Waldés, Giovanni Soldá.

Buffo: Giuseppe Frigiotti.

Maestros: Marino Mancinelli, Arturo Pontecchi, Subeyras Bach, Cesare Bonnafous (dos córos).

Bailarinas: Catarina Casatti, Anita Grassi.

Choreographo e bailarino: Eugenio Casatti.

Fizeram-se n'esta epocha varias obras no theatro entre as quaes, as principaes, foram novos encanamentos para despejos, mosaico nos corredores das diversas ordens de camarotes, novo camarim e sala da empreza no extremo sudoeste do palco scenico, etc.

Importaram todas estas obras na quantia total de 14:029$980 réis, sendo 5:895$910 réis o que custou propriamente o que diz respeito ao saneamento do theatro, e 8:134$070 réis a importancia das outras obras.

De accordo com o governo, a empreza mandou comprar em Paris novos instrumentos de sopro, construidos no tom do *lá* normal correspondente a 870 vibrações simples por segundo, para a orchestra e pára a banda; custou a collecção proximamente 1:400$000 réis, dando o governo o saldo que ficara das quantias que tinha posto á disposição do Commissario regio em 1883, para sustentar o theatro quando foi rescindido o contracto da empreza Brito, e que orçava em perto de 800$000 réis.

Foi um grande melhoramento introduzido por Campos Valdez n'esta sua nova gerencia theatral.

Os instrumentos adquiridos foram os seguintes: Para a orchestra: 3 flautas, 2 citavinos, 6 clarinetes (2 jogos), 1 oboé, 1 corne inglez, 2 fagotes, 3 trombones, 2 saxophones, 1 clarinete baixo; para a banda: 1 flautim, 1 flauta terça, 1 requinta, 6 clarinetes em *si-bemol*, 2 clarinetes em *lá*, 2 saxtrompas, 3 trombones, 2 bombardinos, 2 contrabaixos em *mi bemol*, 1 contrabaixo em *si bemol*.

A 16 de novembro d'este anno de 1885, reuniu-se, em Vienna d'Austria, um congresso musical para resolver qual o diapasão a adoptar. Portugal foi convidado, mas o governo não mandou lá ninguem. O congressou adoptou o *lá normal* francez de 870 vibrações; apenas differe de 6 vibrações do *lá* (864) das bandas regimentaes austriacas.

Além da assignatura para as recitas ordinarias houve n'esta epocha, diversas assignaturas para recitas extraordinarias, a preços variaveis e mais elevados, que foram os seguintes:

Para as 8 recitas de Masini:

	Por assignatura as 8 recitas	Avulso cada recita
Frisas	128$000	18$000
1.ª ordem	144$000	20$000
2.ª »	80$000	12$000
3.ª »	56$000	8$000
Torrinhas	32$000	5$000
Cadeiras	18$000	3$000
Geral	11$000	1$600
Galerias	$	800
Varandas	$	500
Entrada	$	300

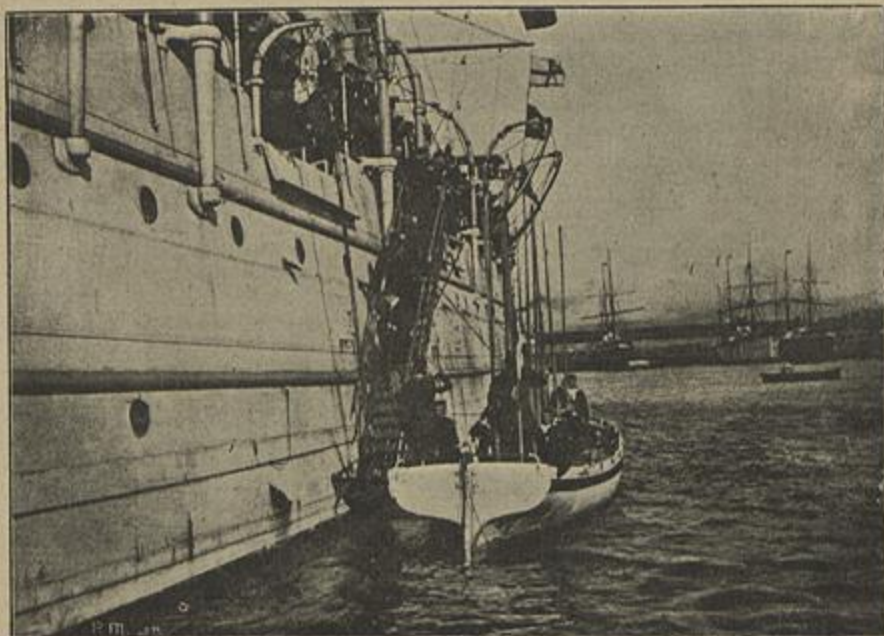
Depois d'estas recitas houve outra serie em que Masini cantou pelos preços fixados para as recitas em que cantou Fidés Devriés, e que eram como se segue:

Logares	Preços por cada recita
Frisas	15$000
1.ª ordem	16$000
2.ª »	9$000
3.ª »	6$000
Torrinhas	3$600
Cadeiras	2$250
Geral	1$200
Galeria	600
Varandas	400
Entrada	200

Houve uma assignatura de 8 recitas, cantando Masini e Devriés juntos em 5 e nas outras só Devriés pelos seguintes preços:

Logares	Assignatura por 8 recitas
Frisas	120$000
1.ª ordem	128$000
2.ª »	72$000
3.ª »	48$000
Torrinhas	28$800
Cadeiras	18$000
Geral	9$000

Os preços avulsos para as recitas de Devriés eram como os ultimos acima indicados; os das

KRUGER NA EUROPA

CHEGADA DE KRUGER A MARSELHA — DESEMBARCANDO DO «GOLDERLAND»

(De photographia de Mr. Leon Bouët)

recitas em que cantavam Devriés e Masini eram os seguintes:

Logares	Preços avulsos por cada recita
Frisas	18$000
1.ª ordem	20$000
2.ª »	12$000
3.ª »	8$000
Torrinhas	5$000
Cadeiras	3$000
Geral	1$600
Galeria	800
Varandas	500
Entrada	300

(Continua) *Francisco da Fonseca Benevides.*

QUESTÕES SOCIAES

(O MUNDO INFANTIL)

«Pedir além, que Deus, — bemdita luz!
«Ao ver esses corpinhos quasi nús,
«Vestiu-lhe a alma dos clarões d'aurora!

Creanças — IRIS.

Passava então na Judéa o mestre divino da philosophia do amor e incendia na sua palavra meiga as almas candidas d'aquelles que o seguiam.

Afagava os velhos, abençoava as multidões e sabia perdoar regenerando. Um dia, approximou-se d'elle o mundo da infantilidade e Jesus fixou em suas creaturinhas innocentes o olhar doce da Misericordia.

Não podia repellil-as, quem vinha iniciar na terra a obra redemptora da familia humana.

Disse Jesus: «Deixae chegar a mim as creancinhas». Com effeito, ninguem no mundo carece de tanto amparo verdadeiro e de protecção constante como as creanças, impotentes para conjurar os perigos que as cercam e demasiado fracas de entendimento para que lhes seja facil evitar o mal.

Cabecinhas perante as quaes palpitam corações de mães; organismos pequeninos que os paes estremosos contemplam embebecidos na ternura silenciosa do affecto, ha ali alguma coisa de celestial e de angelico que provoca arrubamentos mysticos bem como outr'ora a sublimidade indizivel do Natal de Bethlem arrubára em sua condição humilima os guardadores dos rebanhos.

Oh! que segredos divinaes encerram no plano da Creação estes seres que unem mais fortemente o homem á mulher e a mulher ao homem?!

São a expressão maga de duas aspirações nobilissimas, a esthetica palpavel de dois amores enlaçados, a musica suave de um poema santo, as florinhas puras que Deus abençôa lá do Céo e que n'um mesmo effluvio momentoso, n'um só inebriamento de delicias fundem as almas castas de seus progenitores.

«O murmurar d'uns labios de creança»! que poesia humana, que acórde melodioso de genial maestro é susceptivel de inspirar ao nosso espirito mais elevação de idéa, maior belleza de sentimentos, melhor conceito de situação? Mysterio? não: Deus «vestiu-lhe a alma dos clarões d'aurora»!

Foi escripto não ha muito tempo pelo sr. José Fernando de Sousa, director do *Correio Nacional*, um artigo intitulado *A Exploração da Infancia* inserto no n.º 1519 do alludido jornal.

O facto da estada em Lisboa de uma companhia infantil de zarzuela, arrancou á sua alma de pae exemplar brados de justa indignação contra quem não põe duvida em exercer a sua industria theatral lançando mão de grupos de creanças.

A proposito do caso entrou em considerações philosophicas de alto valor scientifico e moral, citando opiniões de pessoas auctorisadas tanto no campo medico propriamente dito como no da arte dramatica e terminou afinal o seu artigo devéras primoroso por estes periodos repletos de bom senso:

KRUGER ACCLAMADO PELA MULTIDÃO NA RUA NACIONAL, EM MARSELHA

(De photographia de Mr. Leon Bouët)

O Real Theatro de S. Carlos

FIDÉS DEVRIÉS ADLER

«Triste ironia a de uma sociedade que entre as innumeras leis que promulga não encontra meio de prohibir uma infame exploração da infancia!

Se a auctoridade não quer ou não póde intervir, assaltada pela febre intermittente dos escrupulos da legalidade, tenha o publico dignidade protestando pela sua ausencia contra os espectaculos infantis.

Não alimente nem favoreça uma exploração torpe e desalmada, sob pena de se tornar cumplice d'ella.

E a imprensa portugueza saiba cumprir o seu dever. Apezar das suas frequentes capitulações e do seu descredito, ainda é uma força. Seja-o agora para o bem.

Faça com que o publico leia nos cartazes as fatidicas palavras «meningite, anemia, tuberculose, loucura.»

Protestou assim vehementemente contra a profanação precoce do que ha mais sagrado, — a innocencia das creanças — e contra a mais vil das ganancias, — a que se exerce á custa da alma e do corpo d'esses tenros actorzinhos, votados a degradação physica e moral quasi infalliveis.

Abomino e condemno de egual theor o facto apontado no artigo cujo remate acabo de transcrever; entretanto, não é ainda ali que reside o perigo maximo para o mundo infantil.

A grande escola de perversão moral para as creanças, o espectaculo verdadeiramente deprimente para uma sociedade que se diz civilisada como a nossa, está nas ruas publicas percorridas quotidianamente por bandos famintos de ambos os sexos.

A malvadez bestial de certos homens e os maus instinctos de muitas megeras, usam e abusam das necessidades alheias, determinando pela sua existencia amaldiçoada um meio perniciosissimo na vida das creanças pobres.

E' mister que a imprensa toda se levante como se fôra um só homem para combater por todos os processos sugeridos pela sã razão e pelo espirito de humanidade, a apoucada orientação das leis e a indifferença quasi cruel das auctoridades n'este assumpto de interesse collectivo e palpitante.

As creanças d'hoje são os homens d'ámanhã, e mal vae a uma sociedade que não cuida com rigoroso escrupulo nos modos praticos de subtrahir á influencia de causas deleterias toda a parte pequenina da sua população.

Por isso mesmo que ella se compõe de seres ingenuos e irresponsaveis, e que é tanto maior a responsabilidade dos dirigentes e mais sympathica a empreza de educal-a.

Não é possivel ao governo dos povos, por mais animados no sentido do bem que estejam os representantes do poder, eliminar o mal da face da terra; mas é evidente que cumpre aos magistrados supremos velar pela pureza dos ensinamentos e pela manutenção d'um meio social em condições de elevar as almas e não de envilecel-as no abysmo da orgia prematura.

Questões d'esta natureza, téem tanto direito á attenção dos parlamentos, definem tão completamente os graus de civilisação na historia das sociedades humanas, como aquellas que dizem respeito á vida economica e á instrucção superior.

Modifiquem os nossos estadistas, se assim fôr preciso, a legislação relativa á infancia, imponham ás auctoridades administrativas absoluta observancia das disposições decretadas, fiscalise a policia sobre os motivos que provocam ao vaguear das ruas todas as creanças que as frequentam, n'uma palavra, empenhem-se n'esta cruzada santa todas as pessoas dignas, porque salvando do atoleiro da miseria e do vicio um pequenino ente, terão cooperado ao mesmo tempo para o engrandecimento da patria.

Para mais estreitar os laços de amizade entre homem e mulher, permittiu Deus que a synthese moral do seu affecto mutuo fosse um novo ser em que se revissem na absorsão do mesmo enlevo e no grandioso d'um ideal identico.

As creanças são notas do mais terno hymno que se eleva da terra para os céos.

Ha n'ellas doces motivos de contemplações mysticas e crystallinas revelações da innocencia primitiva.

Tendo a posse plena do amor dos paes, assiste-lhes ainda um direito inilludivel á atenção desvelada dos governos dos povos, como membros inermes das sociedades que elles dirigem.

DISTRIBUIÇÃO DAS MEDALHAS AOS EXPLORADORES CAPELLO E IVENS, PELO REI D. LUIZ I NA TRIBUNA DO REAL THEATRO DE S. CARLOS EM 1 DE OUTUBRO DE 1885

Não ha fazer estylo rhetorico n'este assumpto tão melindroso quanto delicado.

Se, a humanidade, seria incomprehensivel sem um destino superior, em que se realisem finalmente todas as nobres aspirações á verdade e todos os desejos vehementes de triumpho aberto da justiça, do mesmo modo mentiriam as gerações á consciencia da sua dignidade se não cercassem de cuidados o berço das creanças.

E' o bem da familia humana que devem propôr-se para alvo as civilisações adiantadas.

E se, realmente, é no mundo infantil que hão de recrutar-se os paes e os estadistas do futuro, a educação como a legislação tem de assignalar por ahi toda a pureza do seu esforço e toda a elaboração mental do seu conceito.

Aquelle maximo evangelisador que ha 1900 annos lançou nos corações dos humildes a semente libertadora de que havia de surgir o Christianismo, chamou a si as creancinhas, ás quaes quiz afagar na fraqueza sublime de sua candura com a uncção divina do seu ministerio.

Cumpre aos depositarios do poder nas sociedades cultas, estender a sua acção tutelar a todos os seres de organismo debil e de incompleto desenvolvimento intellectual.

Se a auctoridade abusa evidentemente, sempre que excede a orbita de suas attribuições, penetrando no intimo da vida domestica e devassando segredos particulares, tambem renega o seu mandato legitimo quando deixa de proteger todos aquelles que correm perigo grave no movimento social.

Importa que se respeitem e façam respeitar sem transigencias, as instituições politicas a cuja defesa se votaram por convicção espiritos honestos e dedicados, mas não pode olvidar-se a responsabilidade que impende directamente sobre quem despreza as reflexões justas do observador sensato e a lição eloquente dos factos.

E' com a historia na mão e com o raciocinio logico do bom senso, que ficamos habilitados a apontar como causa predominante das grandes decadencias, o abandono total da educação infantil e o pouco cuidado na policia dos costumes.

O erro é um phenomeno psychico fatal á especie humana, que devemos procurar reparar quanto seja possivel, embora certos de não estar na nossa vontade a faculdade de eliminal-o por completo; evitar porém, a degradação dos povos, dotando-os de leis protectoras da infancia e fazendo incutir no animo das creanças idéas generosas e interesse pelo trabalho, só depende das luzes da experiencia e da seriedade dos intentos.

Uma nação só pode manter-se com viril incendimento, quando os seus governos são escrupulosos no rigor penal contra todos os individuos convencidos de exploradores de creanças e de iniciadores de perversão.

Disse um escriptor (Clavel) que «nascer é tornar-se credor de tudo o que é necessario á evolução do organismo»; ora, como nem só sob o ponto de vista exclusivamente physico se torna indispensavel o exame das condições e a analyse das circumstancias, impõe-se á boa razão o cogitar de processos e o emprego de medidas que obstem á invasão do mundo infantil pelos miasmas putridos da immoralidade.

«Les droits et devoirs de famille, disse ainda o citado escriptor a que alludi, passent donc avant ceux de la société et demandent un examen préalable».

Não é isto uma utopia de visionario; é uma verdade axiomatica que urge revestir de soberania e consagrar plenamente pela sciencia do direito no dominio dos codigos.

E' mister prevenir todas as hypotheses, pois a maldade attinge por vezes um grau tão extremo que reclama a intervenção immediata dos poderes publicos nos negocios criminosos ou meramente levianos dos progenitores para com seus filhos.

Todo o governo que não reprime com energia severa os attentados ou sequer os abusos mais ligeiros de que são victimas as creanças, é além de miseravel verdadeiramente cumplice no acto infame. A indifferença em semelhante caso exprime apenas negligencia bestial, consentindo no estiolamento d'uma vergontea que ficará enfezada e se reproduzirá mais tarde com rachitismo duplo.

Já se tem caminhado muito nas conquistas do progresso em favor da humanidade; mas é grandissimo o desleixo pelo que respeita ás creanças pobres, as quaes se deixam desvirtuar ao contacto com a canalha das ruas ou definhar em exhibições improprias de edades tenras. Levar a pratica das concessões e o emprego da condescencia até ao ponto de pactuar com o vicio e de transtornar a ordem das disposições organicas expressas na letra dos regulamentos, é descer á lama da abjecção e contribuir para a desgraça de muitos entes.

Tornem-se effectivas as boas leis relativas á existencia da infancia, melhorem-se os codigos deficientes na parte concernente a occorrencias sexuaes de caracter equivoco, estabeleçam-se preceitos novos inspirados nos melhores alvitres da sciencia moderna e seja-se inflexivel na manutenção rigorosa da disciplina politico-social. D'esta maneira, o mundo infantil será salvo do naufragio da vergonha e da deshonra e despertará universalmente sentimentos mais benignos e mais nobres.

E' profundissima de verdade indestructivel esta phrase eloquente de D. Antonio da Costa: «A geração que hoje brinca descuidosa, é a que ha de ámanhã governar o mundo e produzir outra geração para lhe succeder».

D. Francisco de Noronha.

SCIENCIA MODERNA

TELEGRAPHIA SEM FIOS

(Continuação)

IV

Chegámos á parte mais importante d'este capitulo, áquella que nos obrigou a desenvolver este assumpto. Referimo-nos á telegraphia sem fios, por meio das ondas electricas.

Antes de se ter conhecimento da sua existencia, claro é que toda e qualquer tentativa para a installação da telegraphia sem fios seria inutil. Como poderiamos transmittir signaes a uma distancia qualquer, se nada nos garantia a recepção d'esses signaes a essas distancias?

Foi, por conseguinte, a descoberta das ondas electricas o ponto de partida para a descoberta da telegraphia sem fios. Sem duvida alguma, a existencia das ondas electricas não foi uma invenção, o que até então se ignorava era a sua existencia. Desde qua a natureza é natureza, o phenomeno existia necessariamente, porque os phenomenos não se podem inventar. Foi a capacidade intellectual do homem que conseguiu descobrir mais um dos phenomenos que, até então, ninguem descobrira, embora elle já existisse. Comprehende-se facilmente que Deus, tendo creado o mundo, desde esse momento, todos os phenomenos fizeram a sua apparição. Mas por esse facto, o homem deveria ter immediato conhecimento d'elles? Não, decerto. Deus concedendo ao homem a intelligencia, a imaginação e a capacidade intellectual em produzir, coadjuvada pela vontade que esse homem tem em adquirir um nome na esphera social, não só nas lettras, como nas sciencias ou nas artes, e muitos mais outros dons que distinguem o homem de todos os seres da especie animal e que o colloca acima de todos elles, fel-o apparecer no mundo e disse-lhes: «Todo este mundo para ti, não passa de um mysterio. Tu e os teus successores possuem o necessario para poder desvendar todos elles, n'um maior ou menor espaço de tempo.

E assim, por esta forma, o homem tem ido tomando conhecimento de todas as bellezas que rodeiam o universo, ao mesmo tempo que tem desvendado um grande numero de coisas que para elle, até então, eram perfeitamente desconhecidas. Mas embora o homem, de geração em geração, vá preenchendo as lacunas que ainda hoje existem em qualquer ramo de sciencia, nunca poderá attingir o *ideal*, isto é, attingir um ponto tal que possamos dizer que o homem conseguiu resolver todos os problemas propostos por Deus na occasião da creação do nosso globo.

Não sejamos ambiciosos e contentemo-nos, por ora, em registar mais uma grandiosa descoberta, citando, como é dever nosso, o nome do conhecidissimo sabio allemão, já fallecido em 1894, Hertz, a quem se deve o conhecimento da existencia das ondas electricas, phenomeno perfeitamente semelhante ás ondas luminosas e ás ondas calorificas, factos que hoje se acham já completamente demonstrados.

Sendo demonstradas as existencias d'essas ondas calorificas e luminosas, pensou Hertz, se com a electricidade se passaria um facto analogo visto que, como dissemos, a electricidade, assim como a luz, e a calor não era mais do que uma forma especial do movimento.

O apparelho com que Hertz procedeu á sua experiencia compunha-se de um oscillador para a producção das ondas electricas e um resonador. O oscillador era formado por duas espheras metallicas entre as quaes se formava a faisca, e que communicavam com dois pratos metallicos ligados por conductores a uma bobine de Ruhmkorff. O resonador era composto de um circuito circular tendo uma pequena interrupção por onde saltam as faiscas, quando o apparelho se acha collocado na zona d'influencia do oscillador.

Mas tudo isto não era ainda sufficiente. Até este momento nenhuma combinação de signaes era possivel fazer-se. Foi então que um distincto francez Brauly, tendo se dedicado a este assumpto descobriu o seguinte principio:

«*Uma limalha metallica dentro de um tubo de vidro só ou com um pó isolador possue uma fraca conductibilidade electrica. Fazendo saltar uma faisca atravez do tubo, ou fora, o pó torna-se conductor mas perde a conductibilidade se receber um pequeno choque*».

Esses tubos applicados ao oscillador de Hertz foram adoptados por Marconi, illustre physico italiano, na telegraphia sem fios.

No apparelho expedidor, um manipulador envia as ondas de Hertz guiadas por um fio conductor até uma certa altura do solo, d'ahi e atravez do espaço, um fio analogo as conduz ao posto receptor, concentra-as e transmitte-as a um tubo com limalha.

Uma onda passa, torna a limalha conductora, a pilha funcciona e o signal é transmittido. Immediatamente um electro-iman faz mover um martello que dá um leve choque no tubo fazendo-o perder a conductibilidade. Nova onda e os factos repetem-se.

Quaes os inconvenientes d'este processo?

O sr. Tommazi propõe um meio para assegurar o segredo das communicações, o maior defeito do processo Marconi, baseado em que as distancias a que as ondas podem chegar é variavel consoante o affastamento das duas espheras metallicas onde se produzem as descargas. Para tal fim, juntou ao manipulador, um outro e emquanto um d'elles envia o despacho, no outro transmittem-se signaes diversos formando-se no espaço um segundo systema de ondas. Se se collocar entre o manipulador e o receptor, um outro receptor, este ultimo receberá dois systemas de ondas, ou seja uma serie de signaes confusos, emquanto que o receptor final só receberá a primeira camada de ondas, porque a segunda extinguir-se-ha no espaço.

Estamos crentes de que sobre este assumpto, mais tarde, muito mais haverá a dizer. Quando qualquer innovação ou modificação tenha sido realizada no processo, occupar-nos-hemos d'ella, visto que o nosso unico intuito é elucidar o leitor sobre tudo quanto de interessante e util a sciencia moderna nos vae mostrando.

23-10-900.

Antonio A. O. Machado.

O REI DAS SERRAS

POR

Edmond About

(Continuado do numero antecedente)

—Milord, disse, estamos ambos muito em baixo; mas aposto que quem se levanta primeiro sou eu. Já se pensa no meu successor!... Muito injustos são os homens! Puzeram-me o logar a concurso. Pois tambem eu quero concorrer. O milord ha de fazer seu depoimento em meu favor e attestar com seus gemidos que o Sophocles ainda não morreu. Vão-lhe atar pernas e braços, e com uma só mão vou atormental-o mais violentamente que o mais valido d'esses senhores.

Para obsequiar o miseravel, ataram-me os braços. Elle pediu que o virassem para mim e começou a arrancar-me os cabellos, um por um, com uma regularidade de mulher de profissão. Quando vi a que se reduzia o novo supplicio, cuidei que o ferido, com dó da minha miseria e enternecido pelo soffrimento proprio, quizera roubar-me aos companheiros e obter-me uma hora de descanço. Os vinte primeiros cabellos foram-se sem me deixar saudades e desejando-lhes eu muito boa viagem. Mas logo tive que mudar de tom. O coiro cabelludo, irritado por um sem numero de lesões imperceptiveis, inflammou-se. Uma comichão pouco sensivel, depois um pouco mais viva, intoleravel por fim, apoderou-se-me da cabeça. Quiz levar-lhe as mãos, e então percebi com que infames intensões me haviam prendido os braços. A impaciencia augmentou o soffrimento. Todo o sangue me fugiu para a cabeça. Cada vez que a mão do Sophocles se chegava aos meus ca-

bellos, corria-me o corpo um fremito doloroso. Comichões inexplicaveis atormentavam-me braços e pernas. Rebolava-me pelo chão, gritava, implorava compaixão, tinha saudades das cacetadas nas plantas dos pés. O carrasco só teve dó de mim, quando de todo lhe faltaram as forças. Quando a vista se lhe turvou e sentiu a cabeça a pesar-lhe e o braço já sem forças, fez um ultimo esforço, metteu a mão nos meus cabellos, agarrou um punhado d'elles e deixou-se cahir na enxerga, arrancando-me um grito de desespero.

—Agora vem comigo, disse me Mustakas. Ao pé da fogueira decidiras se não valho mais do que o Sophocles e se não mereço ser tenente.

Ergueu-me como uma penna e levou-me para o campo, para defronte d'um monte de madeira resinosa e de folhas seccas. Desligou-me das cordas, tirou-me o casaco e a camisa e deixou-me apenas as calças.

—Serás meu bicho de cosinha. Vamos juntos preparar o jantar do Rei:

Accendeu a fogueira e estendeu me de costas a dois palmos d'uma montanha de lume. O calor era insupportavel. Arrastei-me como pude até certa distancia, mas elle voltou com uma frigideira e empurrou-me com o pé outra vez para o meu logar.

—Ora aqui tens a fressura de trez cordeiros. É jantar para vinte homens. Não entras na conta; dou-te apenas licença para que proves dos meus cosinhados com os teus olhos.

O ferver da fritura recordou-me que desde a vespera estava em jejum. Tive desde então mais um carrasco: o estomago.

Mustakas mostrava-me a frigideira, fazendo luzir ante meus olhos a côr apetitosa da carne. De repente lembrou-se de que se havia esquecido de qualquer tempero e foi a correr buscar sal e pimenta. A minha primeira idéa foi roubar um pedaço de carne; mas os ladrões, que estavam a dez passos, depressa o teriam evitado.

—Se ao menos, pensei, ainda tivesse o meu pacotesinho de arsenico!

Que teria eu feito d'elle? Não o tenha mettido outra vez na caixa. Metti as mãos nas algibeiras. E achei n'um papelinho sujo um punhado do bemfazejo pó, que talvez me pudesse salvar ou que, pelo menos, me vingaria.

Mustakas chegou no instante em que eu tinha a minha mão direita aberta em cima da frigideira. Agarrou-me no braço, olhou-me fito e disse-me com voz ameaçadora.

— Sei o que fizeste.

Desanimado, deixei cahir o braço.

— Deitaste fosse o que fosse no jantar do Rei.

— O quê?

— Algum máo olhado. Desgraçado milord! Mais feiticeiro do que tu é Hadgi-Stavros. Vou servil-o; e outra parte é para mim e só tu não has de comer.

— Bom proveito!

Deixou-me em frente do lume, recommendando-me a uma duzia de ladrões, que comiam pão negro com azeitonas. Fizeram-me companhia durante uma ou duas horas, atiçando-me o fogo, com carinhos de enfermeira. Se alguma vez tentava afastar-me um pouco do supplicio, logo me gritavam:

— Cuidado! olha que esfrias.

E empurravam-me para as chammas com páos a arderem.

E entretanto eu esfregava as mãos, lembrando-me de que o Rei comeria do meu cosinhado e que no Parnes ia haver novidade aquelle dia.

D'ali a pouco os convivas de Hadgi-Stavros reappareceram no campo, de estomagos cheios, olhar luzente, rostos alegres.

O celebre Locusto deve de ter passado bons quartos d'hora na vida. Quando ha razão para se odiar os homens, é doce ver um homem vigoroso, para um lado e para o outro, rindo, cantando, e a gente saber que elle traz comsigo no tubo intestinal uma semente de morte, que ha de crescer e devoral-o. E' como a alegria que sente um bom medico á vista d'um moribundo, que elle sabe como chamar á vida. Locusto exercia a medicina em sentido inverso, e eu tambem.

Minhas raivosas considerações foram interrompidas por um tumulto singular. Os cães ladraram todos em côro e um mensageiro estafado appareceu com toda a matilha atraz d'elle.

Era Demetrio, o filho de Christodulo.

Do mais longe que poude gritou:

— O Rei! Preciso falar ao Rei!

Quando o vi a vinte passos, chamei-o com voz enfraquecida. Ficou atonito, ao ver-me n'aquelle estado e exclamou:

— Ai, que imprudentes! Pobre rapariga!

— Meu bom Demetrio, d'onde vens? Sabes quando é pago o meu resgate?

— Quem pensa lá em resgate? Mas socegue; as noticias que lhe trago são boas. Boas para o senhor; pessimas para mim, para elle, para ella, para toda a mais gente! Preciso ver Hadgi-Stavros sem perda d'um minuto. Até que eu volte não deixe que o maltratem. Ouviram? Ninguem toque no milord. Se o fizerem é com risco de vida. O Rei mandava-os cortar em bocadinhos! Quero falar com o Rei.

O mundo é assim. Qualquer homem que fale como quem manda está certo de ser obedecido. Os meus guardas pasmados e estupidos esqueceram-se de me aguentar ao pé do lume.

Arrastei-me até certa distancia e descancei com delicia o corpo na rocha fria até á chegada de Hadgi-Stavros.

Não me pareceu nem menos commovido nem menos agitado do que Demetrio. Ergueu-me nos braços, como se eu fosse um menino doente e levou-me, sem descançar uma só vez, até ao fundo do quarto fatal em que o Basilio estava sepultado. Deitou-me sobre o tapete com um cuidado materno; deu dois passos para traz e poz-se a contemplar-me com uma mistura de odio e de compaixão. Virou-se para o Demetrio e disse-lhe:

— Meu filho, pela primeira vez na vida deixarei impune um crime d'estes. Matou o Basilio, que importa? Quiz assassinar-me, perdôo-lhe. Mas o malvado roubou-me! Oitenta mil francos a menos no dote de Photini! Procurava supplicio equivalente a tal crime e havia de achal-o!... Desgraçado de mim! Porque não domei as minhas iras? Tratei-o cruelmente e elle é quem vai soffrer-lhe as consequencias. Se lhe dessem vinte bastonadas nos pésinhos, ei nunca mais a via! Os homens escapam; mas uma mulher... ! Uma menina de quinze annos!

Poz fóra da sala todos os bandoleiros, que nos cercavam. Desatou devagarinho os pannos ensanguentados que envolviam os meus ferimentos. Mandou o pagem buscar o tal balsamo, sentou-se na minha frente, pegou-me nos pés e poz-se a contemplar as minhas feridas. Caso inacreditavel: vi-lhe lagrimas nos olhos!

— Pobre pequeno! disse. Deve soffrer muito! Perdoe-me. Sou um brutamontes, um lobo da charneca, um pallicaro! Mas já vê que tenho bom coração, pois que tenho pena do que lhe fiz. Mais infeliz sou eu do que o senhor, visto que tem os olhos enxutos e eu estou chorando. Vou dar-lhe liberdade d'aqui a um minuto... Mas não... não pode ir assim... Primeiro vou cural-o. O balsamo é maravilhoso, vou tratal-o como se trata um filho... E' preciso que ámanhã esteja de pé. *Ella* é que não pode estar nem mais um dia só nas mãos do seu amigo. Pelo amor de Deus, não conte a ninguem os nossos disturbios d'hoje. Bem sabe que eu não lhe queria mal; disse-lh'o muita vez. Pelo contrario, mostrei-lhe sempre uma certa sympathia, contava-lhe os meus segredos... Lembre-se de que até á morte do Basilio fomos dois verdadeiros amigos. Não vá um instante de colera fazer-lhe esquecer doze dias de bom tratamento. Não queira despedaçar meu coração de pae. Sei que é um excellente mancebo e que assim tão excellente deve ser o seu amigo.

— Mas quem? perguntei.

— Quem! Esse maldito Harris, esse americano do diabo, pirata malandro, roubador de crianças, assassino de raparigas, esse infame que eu queria aqui ter comtigo, para vos esmagar um contra o outro e atirar-vos desfeitos em pó ao vento das minhas serras! Sois todos o mesmo, europeus, má raça de traidores, incapazes de vos medir frente a frente com homens e só mostrando animo contra crianças! Vê o que elle me escreve e dize se ha tormentos tão crueis que possam castigar um crime d'estes!

Atirou-me brutalmente com uma carta amachucada. Logo conheci a letra de Harris.

«Domingo, 11 de maio, a bordo da Fancy, na bahia de Salamina.

«Hadgi Stavros, Photini está a bordo do meu navio, guardada por quatro canhões americanos. Servir-me-ha de refens, emquanto Hermann Schultz fôr teu prisioneiro.

«Como tratares o meu amigo, tratarei a tua filha. Cabello por cabello, dente por dente, cabeça por cabeça. Responde depressa ou irei ver-te.

John Harris.»

Ao acabar a leitura não pude conter a alegria.

— Excellente Harris! E eu que o accusava! mas dize-me, Demetrio, porque foi que elle demorou tanto tempo a correr em meu soccorro?

— Estava fóra, sr. Hermann; andava á caça dos piratas. Só hontem de manhã é que voltou, infelizmente para nós. Porque não havia de ficar no caminho?

— Grande Harris! Não perdeu um só dia! Mas onde foi elle desencantar a filha d'este patife?

— Lá em casa, sr. Hermann. O senhor bem a conhece. E' a Photini. Quantas vezes jantou com ella!

— Pois a filha do Rei das Serras era aquella mulher de nariz abatatado, que não fazia senão suspirar olhando para Harris!

E logo com os meus botões conclui que o rapto se fizera sem violencia.

O pagem voltou com um rôlo de encerado e um frasco cheio d'uma pomada amarella. O Rei tratou-me dos pés como homem experimentado, e logo senti um certo alivio. Hadgi-Stavros tornara-se n'esse momento um bello estudo psychologico. Tanta brutalidade havia em seus olhos como delicadeza em suas mãos.

Quando acabou de me pôr o apparelho, estendeu para o mar o punho cerrado e disse, rugindo como um selvagem:

— Já então não sou Rei, pois que não posso saciar a minha colera! Eu que sempre mandei, curvo-me agora perante uma ameaça!.. Como esse John Harris deve rir-se de mim!... Podia declarar-lhe guerra, outros navios ataquei, quando fui pirata; mas não tinha lá dentro a minha filha. Querida filha!... Então o sr. Hermann conhece-a!... Mas porque m'o não disse?... Demais a mais eu desejo muito que ella aprenda allemão, porque, mais dia menos dia, ha de ser princeza na Allemanha. Que mal lhe fez a innocentinha? Se alguem deve expiar os seus soffrimentos, sr. Hermann, sou eu. Diga ao sr. John Harris que foi no caminho que esfolou os pés; depois faça-me quanto mal quizer.

Foi Demetrio quem atalhou a torrente d'estas palavras.

— E' o diabo que o sr. Hermann esteja assim tão ferido. A Photini não está em segurança no meio d'aquelles perigos. Conheço o sr. Harris; é capaz de tudo.

O Rei franziu o sobr'olho. As duvidas do namorado entraram-lhe de subito em seu coração de pae.

— Vá-se embora, disse-me. Levo-o, se fôr preciso, até á planicie. Espere lá um cavallo, uma carruagem, uma liteira; eu forneço-lhe o que fôr preciso. Mas mande-lhe já hoje dizer que está livre e jure-me pela saude de sua mãe que nunca abrirá bocca sobre o mal que hoje lhe fizeram.

Pegou em mim ao collo, atirou-me para cima d'um hombro e poz-se a subir a escada do gabinete. Toda a quadrilha veiu correndo e oppoz-se á nossa passagem.

Mustakas, livido como um colerico, disse-lhe:

— Aonde vais? O allemão esfeitiçou a comida. Vamos todos morrer por culpa d'elle e antes d'isso é preciso que elle morra.

Cahi de toda a altura das minhas esperanças. A chegada de Demetrio, a intervenção providencial de John Harris, o reviramento de Hadgi-Stavros, a humilhação d'aquella altiva cabeça aos pés do prisioneiro, tantos acontecimentos accumulados n'um só quarto d'hora haviam-me perturbado o cerebro. Esquecêra o passado, atirara-me de cabeça para o futuro.

Revendo o Mustakas, logo me lembrei do veneno. Percebi que cada minuto precipitaria um successo terrivel. Atirei os braços ao pescoço do Rei das Serras e pedi-lhe que sem mais tardar me levasse.

— Tua gloria assim o requer. Prova a esses damnados que és tu o Rei. Nada me respondas; palavras são inuteis. Passemos-lhes por cima dos corpos. Nem tu sabes que interesse tens em salvar-me. Tua filha ama John Harris; tenho a certeza d'isso, porque ella mesma m'o confessou.

— Espera, respondeu me. Passemos primeiro, depois conversaremos.

Poz-me no chão com toda a cautela e correu de punhos fechados, para o meio da quadrilha.

— Doidos! gritou-lhes. O primeiro que tocar n'este lord comigo se ha de haver! Que feitiçarias querem que elle tenha feito? Não comi eu tambem d'essa comida? Estou doente por acaso? Deixem-o sahir; é um homem honrado, é um amigo!

Mas de repente mudou de côr; vergaram-lhe as pernas. Sentou-se ao meu lado, e disse-me ao ouvido com mais dôr do que raiva:

— Imprudente! Porque me não avisou de que nos tinha envenenado?

Peguei na mão do Rei: estava fria de neve. Tinha o rosto transtornado, d'uma côr terrosa. Ao vel-o assim, as forças abandonaram-me de todo e cuidei que ia morrer. Nada já tinha a esperar no mundo. Pois a mim mesmo não me condemnára, condemnando o unico homem que tinha in-

O Real Theatro de S. Carlos

teresse em salvar-me? Deixei descahir a cabeça sobre o peito e fiquei-me inerte junto do velho livido e gelado.

Já Mustakas e alguns outros estendiam os braços para me arrastar e fazer-me partilhar de suas dôres e agonia. Hadgi-Stavros já não tinha forças para defender-me. De espaço a espaço, um soluço formidavel sacudia-lhe o corpo gigantesco, como o machado d'um lenhador faz tremer um carvalho secular. Os da quadrilha persuadiram-se de que o velho invulneravel ia porfim cahir vencido pela morte. Todos os laços que os prendiam ao capitão, laços de interesse, de temor, de esperança ou de gratidão, quebraram-se como fios de teia de aranha. Os gregos formam a nação mais indocil do mundo. Sabem se fôr preciso, apoiar-se a um mais forte, mas nunca perdoarão a quem os proteja ou enriqueça.

Hadgi-Stavros aprendeu á propria custa que se não commanda impunemente a sessenta gregos. Sua auctoridade não sobreviveu um minuto ao vigor moral e á força phisica. Sem falar dos doentes, que nos mostravam o punho accusando-nos de seus soffrimentos, os homens validos, em frente do antigo Rei legitimo, agrupavam-se em volta d'um gordo trabalhador de campo, brutamontes chamado Coltzida. Era um falador e o mais atrevido da quadrilha, bronco e impudente, sem talento e sem coragem, d'estes que se escondem durante a acção e que hasteiam a bandeira depois da victoria.

Quando se dão casos d'estes, a fortuna protege os atrevidos e os palradores. Coltzida, fiado em seus pulmões, arremessava pásadas de injurias sobre o corpo de Hadgi-Stavros, como um coveiro a deitar terra em cima d'um caixão.

— Ora ahi estás, homem tão sagaz, general invencivel, rei todo poderoso, mortal invulneravel! Que lucrámos na tua companhia? Para que nos serviste? Deste-nos pão negro e queijo ardido, que os cães não queriam, emquanto mandavas navios carregados d'oiro a quanto banqueiro ha no estrangeiro. Para ti guardavas tomadias, despojos e resgate dos prisioneiros. Para nós as baionetadas. D'esse proveito não querias tu. Ainda aqui ha dois annos, fui ferido quatorze vezes, e tu nem uma cicatriz nos mostras. Se ao menos soubesses commandar-nos! Mas fizeste com que levassemos uma pilota dos soldados; foste o carrasco dos nossos companheiros; me tteste-nos na bocca do lobo. Parece que tens pressa de nos ver enterrados ao lado do teu Basilio, visto que assim nos entregas a esse maldito lord, que nos enfeitiçou a comida. Bem sei porque queres que a gente o deixe, é porque já pagou o resgate. Mas que vais tu fazer com esse dinheiro? Queres leval-o comtigo para o outro mundo? Estás muito doente, pobre Hadgi-Stavros. Tambem tu vais morrer, que não foste poupado pelo milord, e é bem feito. Quem manda agora aqui somos nós, meus amigos! Não obedeceremos a mais ninguem, comeremos os melhores bocados, conquistaremos Athenas e iremos acampar nos jardins do paço! Deixem-se levar por mim, que sei dos bons caminhos. Comecemos por deitar o velho no precipicio juntamente com o seu amado milord, e depois lhes direi o que nos resta por fazer.

A eloquencia de Coltzida ia-nos custando a vida, porque o auditorio applaudia. Os companheiros de Hadgi-Stavros, dez ou doze pallicaros dedicados, torciam-se cheios de colicas. Mas um orador popular não attinge assim o poder sem criar invejas. Quando pareceu que Coltzida ia ser nomeado capitão da quadrilha, Tamburis e outros mais ambiciosos puzeram-se do nosso partido. Antes queriam para commandante quem os sabia dirigir do que esse falador insolente, cuja nullidade lhes repugnava. O Rei não teria vida para muito tempo e elles calculavam que o successor seria escolhido entre os fieis. Não era coisa indifferente. Os fornecedores dos capitaes era natural que antes quizessem ratificar a escolha de Hadgi-Stavros do que uma eleição revolucionaria. Oito ou dez vozes ergueram-se em nosso favor.

Digo *nosso* porque eu e Hadgi-Stavros passámos a ser um só.

Tamburis e os seus depressa gizaram um plano. Tres homens, aproveitando a barulhada, correram com Demetrio até ao arsenal, fizeram uma boa provisão de armas e cartuxos, e, atravez do caminho, traçaram um longo rastilho de polvora. Voltaram e discretamente perderam-se na multidão.

Os nossos campeões, encostados ao quarto de Mary-Ann, puzeram-se de guarda á escada, defendiam-nos com seus corpos e rechaçaram o inimigo para o gabinete do Rei. Em meio da confusão, ouviu-se um tiro de pistola. Uma fita de fogo correu por sobre a poeira e os rochedos estalaram com espantoso barulho.

Coltzida e os seus partidarios, surprehendidos pela detonação, correram todos para o arsenal. Tamburis, sem perda d'um minuto, pega em Hadgi-Stavros, desce a escada em duas pernadas, põe-o em logar seguro, volta, pega em mim ao colo e deita-me aos pés do Rei. Os nossos amigos entrincheiram-se no quarto, cortam umas arvores, trancam a escada e organisam a defeza, antes que Coltzida volte do passeio e a si.

Contámo-nos. O nosso exercito compõe-se do Rei, de seus dois serviçaes, de Tamburis com oito companheiros, de Demetrio e de mim. Ao todo quatorze homens, dos quaes tres fóra de combate. O pagem envenenara-se juntamente com o amo e começava a sentir os primeiros symptomas da molestia. Mas tinhamos duas espingardas por cabeça e cartuxos á discrição, emquanto os inimigos só tinham as armas e munições, que comsigo traziam. Tinham a vantagem do numero e do terreno. Não sabiamos ao certo quantos homens validos podiam contar, mas calculavam os uns vinte e cinco a trinta assaltantes.

(Continua).

MARCELLA SEMBRICH STENGEL

GIULIA NOVELLI, na opera *Carmen*, de Bizet